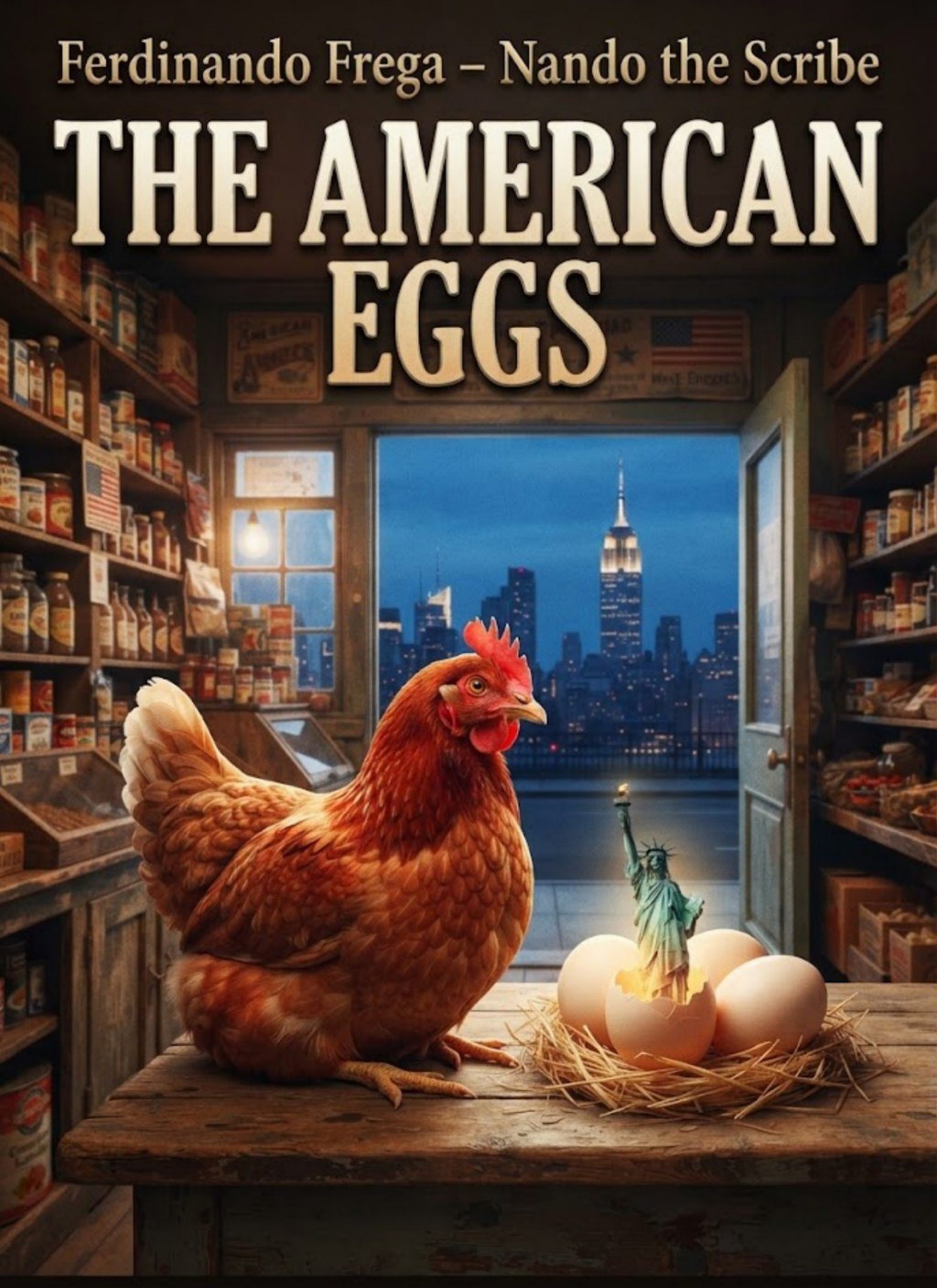
Ferdinando Frega – Nando the Scribe

THE AMERICAN EGGS



Gillettenarrative.com

A GILLETTE E OS OVOS AMERICANOS

GILLETTE TRAILER 16 — NANDO, O ESCRIBA

O avião tinha acabado de pousar. Minha mulher e minha filha estavam as duas incrédulas e desconfiadas: um recomeço tinha virado incerteza, e ouvir tanta gente falando outra língua era uma coisa completamente nova para elas.

O aeroporto JFK, em Nova York, nos recebia. Para mim, era voltar para casa — para a minha terra —, que tinha deixado de ser uma promessa de identidade para virar uma conquista e uma nova perspectiva.

Para resumir: quando a Cegonha devia me deixar em Nova York, 61 anos atrás, ficou deslumbrada e encantada por um falcão calabrês e resolveu me largar nas encostas do Aspromonte. Mas essa é outra história.

Pegamos as malas e entramos num táxi amarelo. O motorista perguntou para onde íamos, e eu lhe dei o endereço. Depois perguntou de onde estávamos vindo e de onde eu era de origem.

Respondi: “Queens, NY.”

Durante a corrida, silêncio total. Quando chegamos, perguntei quanto era: “22 dólares no cartão; se pagar em dinheiro, 14 dólares.”

Olhei para ele com ar amigável, e ele disse: “Trabalhei 12 anos em Nápoles e aprendi que só assim consigo continuar pagando os meus vícios. E, pelas malas, deu para ver que vocês estavam vindo da Itália. Bem-vindos a Nova York.”

A casa era nova e bonita, com uma única entrada pela rua e só uns poucos degraus para subir. As duas mulheres se olharam e se falaram pelos seus silêncios — mas eu, com meu ‘código feminino’ de fábrica desde o nascimento, conseguia ler as nuances e os pensamentos por trás daqueles olhares.

“Estamos em casa”, eu disse a elas. “Mais tarde vou fazer umas compras.”

Saí para abastecer a despensa. Não gosto de supermercado: o Walmart recebe todo mundo, mas no Walmart o cliente paga caro. Meus fornecedores continuam sendo as lojinhas do bairro, aqueles lugares onde trocar meia dúzia de palavras ou uma piada me deixa colher notícias de verdade — e escrever sobre a minha vida.

“E ovos, Jack, onde é que eu compro ovos frescos?”

“Atrás desta rua tem um turco chamado Kan. Ele tem umas galinhas dele, que vigia com todo o cuidado. Veja se ele tem o que você está procurando.”

Alguns passos depois, cheguei. Ele até falava italiano — e foi aí que as surpresas começaram.

Ele me levou aos fundos da loja para mostrar as galinhas: contei só nove, e uma delas tinha nas asas um remendo com as cores da bandeira italiana. Curioso, perguntei o que aquilo queria dizer.

Todo orgulhoso, ele disse: “Essa é a Camilla. Ela vem da Itália, de Nápoles — bairro de Forcella. Foi meu tio que me deu. Ela bota uns ovos maravilhosos. São ovos que dá para beber frescos, não precisa cozinhar. Nunca dou química para as minhas meninas — só comida natural, como a gente faz na Turquia.”

Ele perguntou se eu queria provar, e é claro que aceitei: “Que ocasião melhor?”

Sentamos a uma mesinha dentro da loja, conversando, e ele me trouxe um prato com três ovos.

“A minha Camilla acabou de botar. Nando, você é um homem de sorte”, disse ele.

Estavam mornos ao toque. Esperei que ele se sentasse antes de continuar a conversa.

Ele perguntou o que eu queria beber. “Café americano, por favor.”

Comecei a furar o primeiro ovo — mas furo nenhum se abria. Tentei outro, depois o último.

Os três estavam cozidos, duros.

…Um milagre. Estávamos na América.

Uma galinha que bota ovos já cozidos — não precisa cozinhar. Não demonstrei surpresa nem alarme; só perguntei ao Kan por quanto ele venderia a Camilla. Ele perguntou por quê.

Sorriu: “Gostou dos ovos?”

Eu disse que queria dá-los de presente à minha filha, que adora galinhas.

Por dentro, eu pensava: ou um projeto de um milhão de dólares… ou uma fraude esperando para ser entendida.

Paguei, me despedi e fui embora. Não comentei nada com ninguém, mas no dia seguinte voltei.

“Bom dia, Kan. Será que hoje tem mais daqueles ovos de beber?”

“Claro, sente-se. Já trago.”

“Eu queria entrar no galinheiro e pegar direto da Camilla.”

“Sinto muito, Nando, mas ontem à noite a gente cozinhou ela para uma festa de aniversário. Mas eu trago outros ovos para você.”

Mesmo ritual, mesma mesa, mesmo prato: três ovos frescos, de beber — mas, de novo, cozidos, duros e prontos para comer.

Paguei, saí e pensei: o sonho americano.

Ou talvez… seja ele que está tentando me encontrar — e ainda não conseguiu?

Bem-vindos à América

Nando